

Maria João Franco não tem abandonado aquele sentimento de tragédia que assinalámos no texto CORPOS E ALMAS onde procurávamos apresentar a sua última exposição.

Essa atitude da autora, agora prolongada numa série de desenhos, conserva, salvo as diferenças que as matérias impõem aos materiais, o mesmo espírito de dor e de sombras que a sua pintura trabalhava entre formas enoveladas e pardas. Também aqui não sabemos muitas vezes se nos defrontamos com matérias orgânicas ou com materiais orgânicos, se a vida passou por aí, (1) (...) (ver CORPOS E ALMAS)

(1) Rocha de Sousa/texto Corpos e Almas/prefácio de exposição

SEGREDOS DA LINHA E DA SOMBRA

Trabalhando por vezes com carvão sobre tela, formando linhas e sombras de uma visibilidade assiduamente agressiva, é a pintura que está na memória desses desenhos, a sua modelação em claro-escuro, a textura que sobeja das matérias sobre os materiais, ou seja: formas ou parte delas começando, pela técnica, pelo modo, a dar corpo a um universo dolorido, emergindo quase sempre do escuro, e no qual podemos paralelamente relacionar corpos nus, bocados deles se respondemos ao apelo que esta obra propõe na exploração do pormenor, detalhe ela também de qualquer batalha perdida, mutilações, a dor e a sombra, apesar dos instantes de luz que parecem revelar mais do que o sono, antes a morte.(...)

DESNUDAMENTO DA DOR

Fiel a si própria, fiel a uma espécie de luto que paira sobre ela, Maria João Franco não sai deliberadamente desta exploração onde os corpos e os fragmentos nos forçam a diversas encontros da memória contemporânea, desde Treblinka (como referi antes) aos rios empapados de corpos num dos recentes conflitos africanos. Não interessa se isto não se passou assim na cabeça da pintora: se ela não se compromete com títulos das suas dilacerações, nós podemos viajar em liberdade por esta (para mim) colossal desnudamento da dor.

Rocha de Sousa

Jornal de Letras & Artes_2 de Dezembro de 1998